

Voz e gênero no radiojornalismo brasileiro: marcas históricas de exclusão de mulheres

Voice and gender in Brazilian radio journalism: historical marks of women's exclusion

Voz y género en el periodismo radiofónico brasileño: marcas históricas de exclusión de las mujeres

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro; Juliana Gomes; Valci Regina Mousquer Zuculoto

Resumo

Elemento central no jornalismo sonoro, a voz se estabeleceu historicamente no rádio baseada em um padrão que privilegia a atuação profissional de homens. A partir dessa percepção, busca-se compreender até que ponto ela pode ser percebida como marcador de gênero no âmbito da radiofonia nacional e, principalmente, no radiojornalismo constituído no Brasil desde os seus primórdios. Para tanto, a investigação utilizou-se de pesquisa bibliográfica, revisitando a literatura específica vinculada ao campo da comunicação e a outras áreas que abordam o tema. Observou-se a confirmação da existência de um padrão masculino para as vozes presentes no universo radiofônico. Algo que, em alguns momentos, se dá de forma verbalmente expressa, mas que também está na prática da história do rádio brasileiro e nas entrelinhas do que se dita sobre o "dever ser" da locução e da voz nos programas jornalísticos.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Gênero; Voz; História do Rádio.

Sobre as autoras

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro

raphaelaferro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5887-0939>

Jornalista, doutoranda em Jornalismo na UFSC. Mestra em Comunicação (UFG). Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing (UFG). Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq). Bolsista Capes.

Juliana Gomes

jugomes250380@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-1512-5435>

Jornalista, doutoranda em Jornalismo na UFSC. Mestra em Jornalismo (UFSC). Especialista em Gestão de Processos de Comunicação (Unijuí). Integra o Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio - Girafa/UFSC/CNPq.

Valci Regina Mousquer Zuculoto

valzuculoto@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2453-3990>

Jornalista, professora de graduação e pós-graduação em Jornalismo na UFSC. Doutora em Comunicação (PUCRS). Pós-doutora (ECO-UFRJ), coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor/SBP)or

>> Como citar este texto:

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A voz como marcador de exclusão de gênero no radiojornalismo brasileiro. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 03, p. 91-112, out./dez. 2023.

e da Rádio Ponto UFSC. Presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa).

Abstract

Central in radio journalism, the voice has historically been established in radio through a pattern that privileges the professional performance of men. From this perception, this investigation seeks to understand to what extent it can be perceived as a gender marker in the context of national radio, and especially in the radio journalism developed in Brazil since its conception. For this purpose, we used bibliographic research, revisiting specific literature related to the field of communication and other areas. It was observed that there is confirmation of the existence of a male pattern for the voices present in the radio universe, which at times is verbally expressed, but which is also in the practical observation of the history of Brazilian radio and in the subtext of what is said about the "should be" of voice in radio journalism programs.

Keywords: Radio journalism; Gender; Voice; History of Radio.

Resumen

Elemento central del periodismo radiofónico, la voz se ha establecido históricamente en la radio a partir de un estándar que privilegia el desempeño profesional de los hombres. A partir de esta percepción, se busca comprender en qué medida puede ser percibida como un marcador de género en el ámbito de la radiofonía nacional y especialmente en el radioperiodismo desarrollado en Brasil desde el inicio de su concepción. Para ello, la investigación se basó en la investigación bibliográfica, revisando literatura específica vinculada al campo de la comunicación y otras áreas que abordan el tema. Se observó la confirmación de la existencia de un estándar masculino para las voces presentes en el universo radiofónico. Algo que en algunos momentos se manifiesta de manera verbal, pero que también está en la práctica de la historia de la radio brasileña y en las insinuaciones sobre lo que se dice sobre el "deber ser" de la locución y la voz en los programas de periodismo radiofónico.

Palabras clave: Periodismo radiofónico; Género; Voz; Historia de la radio.

Introdução

“Em Brasília, 19 horas.” Esta frase caracteriza, historicamente, a escalada do mais antigo programa em execução no rádio nacional, *A Voz do Brasil*, atualmente produzido pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), instituição pública/estatal, com vinculação ao governo federal. A irradiação pelas emissoras brasileiras é obrigatória, mesmo que com a flexibilização recente do horário. O programa foi instituído em 1934, durante o governo de Getúlio Vargas, primeiro como Programa Nacional (Silva, 2018), na gestão de Sales Filho à frente da Imprensa Nacional (Souza, 2003), e depois como Hora do Brasil24 – tendo Lourival Fontes, então diretor do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), ligado ao Ministério da Justiça, como principal responsável por sua criação (PEROSA, 1995).

A centralidade da voz é uma marca tão característica do rádio que quem reproduz, de forma mental, a abertura do programa, invariavelmente o faz com a voz de um locutor. Uma voz impostada, grave, masculina, como por muito tempo se considerou que deveria ser padrão exclusivo na radiofonia brasileira. Tanto que, apesar de *A Voz do Brasil* estar há quase 90 anos no ar, a frase que marca o início da veiculação de cada uma de suas edições diárias, de segundas e sextas-feiras, só foi lida por uma mulher, pela primeira vez, em 2021 (EBC, 2022). Ou seja, por mais de 80 anos nenhuma locutora foi ouvida na sua célebre abertura.

No que se refere ao conjunto da produção, não foi a primeira vez que o programa, o mais antigo do Brasil que permanece em execução (EBC, 2021) e ainda hoje é referência de “fonte garantida de conteúdo informativo para milhares de ouvintes brasileiros” (SILVA, 2018), teve uma locutora. Há dissidências sobre quando uma voz feminina foi incluída pela primeira vez na locução. Em material institucional, a EBC (2021) informa que o fato ocorreu em 1998, mas Lilian Perosa (1995) indica que a partir da reformulação pela qual o

²⁴ O primeiro indício da criação do programa data de 1932, em decreto que regulava a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional e que previa que ele fosse elaborado e transmitido ainda sob a alcunha de “programa nacional” (Silva, 2018). O nome atual, *A Voz do Brasil*, foi adotado no governo de Eurico Gaspar Dutra, em 1946, por meio de decreto oficial (Perosa, 1995).

programa passou em 1974, durante o governo militar de Ernesto Geisel, “a apresentação do noticiário ficou atribuída a dois locutores, um homem e uma mulher, para suprimir o tom linear de uma única locução masculina” (PEROSA, 1995, p. 126). Já Alessandra Bastos e Florence Marie Dravet (2020) consideram que, segundo um de seus entrevistados em pesquisa sobre o tema, eventualmente *A Voz do Brasil* era apresentado por uma mulher na década de 1980.

Em 1998, o programa foi reformulado e, pela primeira vez, foi introduzida uma voz feminina na locução. O sonoplasta Eivaldo Santos ressalta, no entanto, que essa foi a data em que o programa passou a ser feito diariamente com as vozes masculinas e femininas. Mas que, na década de oitenta, eventualmente já era apresentado também por uma mulher. Com a reformulação, a linguagem ficou mais leve, tornando a compreensão das informações um pouco mais fácil. (BASTOS; DRAVET, 2020, p. 208-209)

A própria indefinição e dificuldade de determinar o momento exato em que a presença da voz feminina passa a ser ouvida em um programa nacionalmente tão representativo se relaciona com uma perspectiva histórica de exclusão, que pode ser denominado por memoricídio (ZUCULOTO et al, 2023). Constância Lima Duarte (2023) explica que o memoricídio feminino diz respeito ao processo de opressão e negação da participação das mulheres ao longo da história. Como analisam Juliana Betti e Valci Zuculoto (2021), por mais que as mulheres tenham participado da construção histórica do rádio no Brasil, há pouca informação sobre como isso se deu. “A pretensa universalidade do relato histórico ainda ampara a hegemonia masculina em diversas disciplinas” (BETTI; ZUCULOTO, 2021, p. 10), o que, segundo as autoras, é majoritário também nos estudos radiofônicos.

Entre apagamentos e exclusões, reforça-se, ainda, que apesar de ser possível perceber que a presença feminina é muito anterior nesse espaço, o bordão da abertura do programa citado, que conforme a própria produtora “tornou-se marca de *A Voz do Brasil*” em “voz masculina imponente” (EBC, 2021, p. 1), só foi pronunciado ao vivo por uma mulher em 16 de novembro de 2021. Na ocasião, Gabriela Mendes, que foi convidada para apresentar o programa em 2017, foi a primeira a falar na abertura, começando com a frase, que, então,

enfim ganhou locução feminina (EBC, 2022).

O exemplo de A Voz do Brasil é relevante como justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa, mas não é único. A partir da percepção da centralidade do som da voz masculina não só no programa, mas na história do rádio brasileiro, desenvolve-se este estudo bibliográfico (STUMPF, 2017). Busca-se compreender até que ponto a voz pode ser identificada como marcador de gênero no âmbito da radiofonia nacional e principalmente no radiojornalismo conformado historicamente no Brasil desde os primórdios de sua concepção. Para isso, utilizou-se a literatura acadêmica de referência sobre o tema e da área de comunicação que indicam o “dever ser” da prática profissional.

Destaca-se que esta é uma pesquisa em andamento, considerando a busca bibliográfica como um primeiro passo, mas já com resultados consideráveis a respeito da temática abordada. Entende-se que serão necessários outros métodos e técnicas de investigação para a apresentação de um cenário completo, até em decorrência do apagamento histórico das mulheres (BETTI; ZUCULOTO, 2021) e da variação limitada da abordagem sobre contextos fora das regiões Sul e Sudeste. Para este primeiro momento, a pesquisa foi elaborada a partir da busca combinada pelas palavras chaves “voz” e “radiojornalismo” nos bancos de teses e dissertações e periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação (MEC) e no *Google Acadêmico*²⁵. Identificada a pouca ocorrência das abordagens considerando o sentido literal da palavra “voz”, buscou-se também por obras e autores de referência da área do rádio e do radiojornalismo, nacionais e alguns internacionais, para a elaboração da análise.

A voz no rádio

²⁵ Disponíveis a partir dos links: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>; <https://www.periodicos.capes.gov.br>; e <https://scholar.google.com.br>. Acessados, por último, em: 8 out. 2023.

O rádio tem seu advento no Brasil em 1919, com a criação da Rádio Club de Pernambuco, em Recife. As experiências pioneiras de implantação da então nova tecnologia, em todo o país, desenvolvem-se a partir de iniciativas de grupos de apaixonados pela radiofonia, membros de uma elite econômica e cultural. A programação das primeiras emissoras reflete este contexto, com a transmissão de conteúdos educativos e música erudita. Este impacto também está presente no uso de linguagem culta e formal, que condiz com o prestígio social conquistado pelo meio. Da mesma forma, o rebuscamento e o tom de autoridade, usados para leitura das notícias, têm identificação com sua audiência, restrita à classe dominante. Na época, as emissoras funcionavam como sociedades ou clubes que mantinham a programação no ar por meio da mensalidade dos sócios, contribuições com discos e até a elaboração dos conteúdos (ZUCULOTO, 2012).

“É a voz que promove o rádio como meio de comunicação”, afirma Ana Paula Velho (2007, p. 197). Por isso, enaltece-se a sua importância e se considera suas características como elementos que se relacionam com o que se define como adequado para essa mídia. De acordo com Carmen Lucia José (2007), historicamente, a seleção de locutores para o rádio se orientou gradativamente por critérios de voz, tais como: qualidade, timbre, amplitude, impositação e a capacidade de articular bem o som vocal para ter clareza na produção de palavras. “Os mais velhos ainda se lembram daquelas amplas e belas vozes que produziam arrepios”, ilustra a autora (José, 2007, p. 177). Um padrão de voz grave, como afirmam Carmen Lucia José e Marcos Júlio Serigl (2015). Durante muito tempo, o rádio brasileiro determinou como padrão uma voz grave e com muito metal, definida como voz de bronze, com articulação exagerada do erre e clareza excessiva das consoantes. Este padrão de locução deixava no ouvinte a impressão de proteção e tranquilidade, porque era proferida com peso ao mesmo tempo pausada, densa, grave. (JOSÉ; SERGL, 2015, p. 40)

Com a segmentação das emissoras, de acordo com os autores (JOSÉ; SERGL, 2015), a voz-padrão perdeu espaço para uma análise mais profunda do que seria interessante para cada público-alvo. “Cada emissora então procurou criar um padrão vocal próprio, que é distribuído nas diversas possibilidades plástico-sonoras” (JOSÉ; SERGL, 2015, p. 41). Entretanto, será que são tão diversas assim? Para o público jovem, segundo Carmen José e Marcos Serigl (2015), um padrão de locução informal, com voz modulada dentro dos registros médio-agudos, com projeção sonora forte. Para o público adulto, vozes suaves,

mas graves, que passem sensação de segurança e calma. Para enunciar notícias, o padrão é mais tradicional (JOSÉ; SERGL, 2015).

Se um dos principais atributos que sempre se apresenta nas indicações sobre os padrões vocais é a altura da voz, característica a partir da qual se relaciona, conforme Luiz Ferraretto (2014), a voz grave ao homem e a aguda à mulher, esses padrões permanecem mais vinculados à sonoridade masculina. Em obra anterior, o mesmo autor (FERRARETTO, 2001) explica, em acordo com o que detalham Carmen José e Marcos Sergl (2015), que não existe um padrão genérico no rádio, mas sim uma adequação ao público e ao estilo de cada emissora.

A rádio FM jovem vai exigir um tipo de comunicador que transmita a imagem desejada pela empresa na programação. Este padrão tende a ser bem diferente do adotado pela emissora em AM dedicada ao jornalismo, que poderá preferir uma voz mais grave dentro do que se convencionou como expressão de seriedade. (FERRARETTO, 2001, p. 310)

Mesmo que a exigência, atualmente, segundo Luiz Ferraretto (2014, p. 82), seja mais por clareza expressiva do que pelo "vozeirão dos anos do rádio voltado ao espetáculo", a adequação ao estilo e ao público muitas vezes apresenta indicativos de padrões. Se "o radiojornalismo exige certa sobriedade" (FERRARETTO, 2014, p. 82), por exemplo, é comum que a voz para tal tenha atributos naturalmente associados ao padrão anterior, masculino. Algo que transparece no cotidiano e na história do rádio, mas que as transcende. Como analisam Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e Fernanda Belizário (2004), parte representativa da doutrina sobre o uso da voz se inscreve em uma tendência que considera o que é definido culturalmente como fenômenos que seriam naturais. "Um ótimo exemplo desta tendência naturalista é a diferença sexual entre homem e mulher em relação à construção social da masculinidade e feminilidade" (BARROS FILHO; LOPES; BELIZÁRIO, 2004, p. 98).

Se a voz, em si, pode ser considerada como produto de socialização e suscetível a uma modulação social (BARROS FILHO; LOPES; BELIZÁRIO, 2004), a forma como ela é ouvida e como se estabelecem as que são autorizadas a dizer em cada contexto social também o são. "Assim, o uso autorizado da voz

reproduz e objetiva uma certa relação de forças, uma certa distribuição de poder. Confere legitimidade às relações de dominação e à sociedade certa inércia de poder", analisam Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e Fernanda Belizário (2004, p. 102). Os autores ainda consideram que os discursos, em sua objetivação vocal, estão sempre submetidos a uma dinâmica da relação de forças e à distribuição do capital social de cada situação, garantindo legitimidade a quem diz.

Construto social que se apresenta no que se estabeleceu historicamente para a locução radiofônica. Assim como Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e Fernanda Belizário (2004), Regina Penteado (1998), ao estudar a voz para locuções publicitárias, ressalta que a história, a sociabilidade e a cultura perpassam o uso da voz e da fala nos meios de comunicação. "A voz fluida (em tom agradável, solta e relaxada, com tendência à frequência fundamental grave) é tida como uma marca da locução comercial masculina e de apresentadores de televisão" (PENTEADO, 1999, p. 58). Nesse contexto, a locução de altura grave é usada como recurso de afirmação masculina.

De acordo com as observações de Behlau e Pontes (1990), vozes mais graves representam indivíduos autoritários e enérgicos, associadas a personalidades mais maduras. Nesse caso, podemos inferir que a opção da altura da voz masculina venha a corresponder a uma representação vocal de um papel social masculino de autoridade, segurança e força. (PENTEADO, 1999, p. 63)

A referência à voz grave como ideal para a locução é apontada por Regina Penteado (1999) como algo presente no que escrevem diferentes autores da área de comunicação sobre a função. A autora cita, por exemplo, Walter Sampaio (1971), para quem a voz grave é preferencial por sugerir sobriedade, credibilidade e ter maior capacidade de persuasão. "Os marcadores específicos da locução masculina são compreendidos como representativos da imagem masculina de força, autoridade e segurança, socialmente valorizada e reforçada pela mídia como recurso de credibilidade" (PENTEADO, 1999, p. 67). Mariana Bessa (2004) corrobora a preferência pelo padrão vocal do homem no meio radiofônico, em detrimento às características da voz da mulher, feminina e aguda que, de acordo com a autora, é considerada socialmente inadequada.

A voz masculina grave cria uma imagem positiva, quase de galã de cinema, um homem bonito que interpreta o papel de herói. Por outro lado, temos a voz masculina aguda pouco tolerada no meio radiofônico e que não representa uma imagem social positiva, evocando uma 'figura infantil', 'afeminada'. (BESSA, 2004, p. 13)

Mais do que a prevalência da voz masculina, é possível identificar na literatura referente à radiofonia uma rejeição ao que possa soar em tom agudo, muito vinculado ao feminino, contribuindo para a exclusão não só de mulheres, mas de qualquer pessoa que não reproduza o tom padrão na locução, mesmo entre homens – ampliando o abismo de distância entre pessoas que têm vozes que não correspondem à sua expressão de gênero e às funções do trabalho no ambiente radiofônico, por exemplo. Emma Rodero (2001) analisa em suas pesquisas com ouvintes que não se tolera, na informação radiofônica, uma voz aguda de homem, enquanto a percepção de uma voz feminina aguda não gerou refutação tão radical. A partir de entrevistas realizadas com diretores de rádios de Portugal, Mariana Bessa (2004) identifica respostas em que estes especificam que pessoas com “vozes estranhas” nunca vão trabalhar em rádio e que as vozes graves são mais agradáveis ou, ainda, que a escolha é por “boas vozes”, o que acabou levando à formação de uma equipe com maioria de pessoas que têm o tom grave, mais característico dos homens.

Emma Rodero (2001) considera que as vozes com tons graves são mais valorizadas no âmbito radiofônico, sejam de mulheres ou de homens, por não exigirem um esforço para ampliar sua própria intensidade, por serem percebidas como mais calorosas e também como mais seguras e atreladas à uma ideia de credibilidade. Entretanto, a autora não considera que tais percepções têm reflexo de construções sociais, partindo de uma perspectiva naturalista, como discutem Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e Fernanda Belizário (2004). Segundo Regina Penteado (1999), em uma tentativa de romper essa resistência, muitas vezes vista como natural, é possível supor a ocorrência da imitação de modelos vocais que são reconhecidos como padrão e são identificados como aceitos socialmente. Regina Penteado (1999, p. 67) afirma que, à procura deste padrão de voz, as mulheres tendem a adaptar algumas características naturais:

“na locução feminina são utilizadas as alturas média e grave em proporções equivalentes, o que demonstra forte tendência feminina em buscar a imitação do modelo de locução masculina”. Além disso, a autora verificou a tendência do uso de voz sussurrada, em busca da representação de sensualidade, sedução e suavidade que se associam à imagem de mulher difundida pelos meios de comunicação.

Esses valores associados à voz feminina acabam por afastá-la do que se identifica como importante para a notícia radiofônica, que ainda convive e parte de ideais e pressupostos de objetividade, credibilidade, isenção, precisão (BARBEIRO, LIMA, 2003) e do informar em detrimento de ideias de manipulação ou de divulgação de boatos e rumores. São as vozes graves que são percebidas como mais seguras e críveis, de acordo com Emma Rodero (2001). A autora explica que são aceitos tons graves, mas também médios para as vozes femininas que atuam na informação transmitida pelo rádio, mesmo que seja “evidente que nunca alcançarão o tom de grave de uma voz masculina”²⁶ (RODERO, 2001, p. 10) – o que ela aponta como alguma dentre as razões para que exista uma preferência por vozes masculinas em prejuízo das femininas.

Nesta investigação, 95% dos sujeitos que participaram do experimento se mostraram a favor das vozes de homens no rádio porque foram julgadas como mais naturais e persuasivas. Da mesma forma, por sua transmissão de credibilidade e segurança, os tons graves foram preferidos para a informação radiofônica. Os membros da amostra indicaram sua preferência pelas vozes de homens para a leitura de questões políticas, exposições, o tempo, as notícias ou os anúncios enquanto as mulheres obtiveram melhores pontuações em poesia e textos sobre ideias mais abstratas.²⁷ (RODERO, 2001, p. 10)

Por mais que a autora avalie que a escolha da voz para a informação radiofônica seja por uma voz grave, masculina ou feminina, ela detalha que a mulher de voz muito grave é associada a perfis físicos e psicológicos negativos,

²⁶ Tradução livre das autoras para o trecho: “...es evidente que nunca alcanzarán la gravedad de una voz masculina”.

²⁷ Tradução livre das autoras para o trecho: “En esta investigación un noventa y cinco por ciento de los sujetos experimentales se mostró a favor de las voces de hombre en radio porque fueron juzgadas como más naturales y persuasivas. De la misma manera, por su transmisión de credibilidad y seguridad, los tonos graves se prefirieron para la información radiofónica. Los miembros de la muestra determinaron su preferencia por las voces de hombre para la lectura de cuestiones políticas, exposiciones, el tiempo, las noticias o los anuncios mientras que las mujeres obtuvieron mejores puntuaciones en poesía y textos sobre ideas más abstractas”.

assim como uma voz feminina muito aguda suscita sentimentos também ruins (RODERO, 2001). Balança que cede um espectro muito limitado de qualidade vocal para mulheres que atuem ou queiram atuar no rádio em geral, mas principalmente no âmbito da informação, isto é, do áudio e radiojornalismo. O que permite inferir que a percepção de que o jornalismo é constituído de gênero, o masculino, apontada por Márcia Veiga (2010), também se mostra presente quando a atenção de análise se volta para o jornalismo sonoro.

Voz no masculino

A voz no radiojornalismo sempre foi majoritariamente excludente e, como explica Juliana Betti (2021), durante muito tempo, usada como justificativa para a segregação da presença de mulheres. Sergio Endler (2005, p. 171) destaca que é marca da narrativa jornalística, desde a sua origem, o “caráter sisudo, de formalidade seca, quando não dramática, tanto na escrita, quanto na roupagem sonora da trilha e cortina sonora, e, sobretudo, no timbre e ritmo grave da locução-apresentação dos programas de síntese noticiosa”. Com isso, não é de se estranhar que o tom grave, masculino, tenha predominado nas locuções de rádio principalmente em sua origem, uma vez que o meio se estabelece em um momento histórico de pouco reconhecimento às mulheres.

De acordo com Maria Inês Amarante (2020), há presença de locutoras desde o início da Rádio Sociedade, no Rio de Janeiro, na década de 1920. A primeira identificada até o momento foi Maria Beatriz Roquette-Pinto, filha do idealizador da emissora, mas, dado o apagamento histórico (BETTI; ZUCULOTO, 2021), é possível que tenham existido outras. “Contudo, de modo geral, o papel da mulher era secundário ou invisibilizado, evidenciando a discriminação de gênero – pois, quase sempre, a voz da mulher era apresentada com uma bela voz de locutora comercial e o comando dos programas ficava a cargo dos homens” (AMARANTE, 2020, p. 97). Isso se repete no âmbito do radiojornalismo desde o momento em que ele começa a se estabelecer.

Nas duas primeiras décadas de sua história, a notícia é exceção no rádio

brasileiro (ZUCULOTO, 2012). "Os anos 40, em plena efervescência do 'rádio espetáculo', constituem-se também no período de implantação, nas emissoras brasileiras, de um radiojornalismo mais efetivo, mais estruturado, especialmente através de noticiosos" (ZUCULOTO, 2012, p. 81). Embora a mulher tenha se destacado com o chamado radioespetáculo, a partir de 1935, com as cantoras do rádio e outras artistas que se tornaram verdadeiras ídolas populares, a conformação inicial do radiojornalismo no Brasil, em 1941, com o *Repórter Esso*, se dá a partir de vozes masculinas, como destaca Luciano Klöckner (2004, p.13):

...o patrocinador e os produtores do *Repórter Esso* não tiveram dúvida ao escolher a Rádio Nacional para a transmissão do noticioso. Além de grandes astros e estrelas da música e do teatro, a emissora detinha, também, o melhor quadro de locutores do País, entre eles, Rubens Amaral, Celso Guimarães, Romeu Fernandes, Saint-Clair Lopes e Heron Domingues, que ficaria famoso ao ler de forma exclusiva o *Repórter Esso*.

Heron Domingues foi locutor titular do *Repórter Esso* da *Rádio Nacional* de 1944 a 1962, quando a função foi delegada a Roberto Figueiredo. "A voz grave e modulada de Heron Domingues, locutor exclusivo do *Repórter Esso* durante 18 anos, tornou-se popular em todo o Brasil" (ORTRIWANO, 1985, p. 20). Durante 27 anos no ar, o *Repórter Esso* teve entre os locutores de maior destaque, além de Heron Domingues e Roberto Figueiredo, Benedito Ruy Rezende, Dalmácio Jordão, Kalil Filho, Gontijo Teodoro e Luís Jatobá. Ou seja, em quase três décadas no ar, as vozes masculinas mantiveram a hegemonia e a exclusividade do microfone.

Outro noticioso marcante para o início do radiojornalismo nacional foi o *Grande Jornal Falado Tupi*, que entrou no ar em 1942 pela *Rádio Tupi*, de São Paulo, comandado por Corifeu de Azevedo Fernandes. "Se o *Esso* introduz o modelo da síntese noticiosa, Corifeu de Azevedo Marques e Antônio Bertoni criam o primeiro radiojornal brasileiro moderno" (FERRARETTO, 2001, p. 130). Além de Fernandes, na primeira edição do *Grande Jornal Falado*, estavam os locutores Ribeiro Filho, Alfredo Nagib, Mota Neto, Auriphebo Simões e o diretor de jornalismo, Corifeu de Azevedo Marques. Este apogeu do rádio, com seus

vozeirões e formatos de programas, estende-se até a consolidação da TV no fim da década de 1950, quando passa a buscar no jornalismo sua diferenciação. As facilidades tecnológicas de transmissão também representaram uma mudança no padrão de voz e fala adotados até então, já que o repórter no local do acontecimento passou a participar ao vivo da rua, com as notícias deixando de serem apenas lidas a partir de roteiros previamente escritos, para serem relatadas, inclusive, por vezes, recorrendo a improvisos para reportar os fatos em tempo real e/ou diretamente dos locais dos acontecimentos.

Neste período, a programação começa a ser segmentada. “A chegada da FM melhorou a qualidade do som, ampliando a possibilidade de expressão a praticamente qualquer voz, o que antes era impensável” (MEDITSCH, 2001, p. 117-118). Antes, as dificuldades acústicas contribuíram para a ausência de pluralidade de timbres e a locução se limitava a vozes com alta potência para evitar distorções na transmissão da notícia. Com esta novidade, a linguagem artificial deu lugar à busca da naturalização da voz e de uma comunicação mais informal.

A regularidade das transmissões em FM aprofunda a segmentação na década de 1970. Com menor alcance e melhor qualidade sonora, as novas emissoras FM se voltam para a programação musical, enquanto as emissoras de AM mantêm o foco em jornalismo, esportes e prestação de serviço. Exemplo disso é o programa *Pulo do Gato*, da *Rádio Bandeirantes*, um dos mais tradicionais do rádio nacional, por 47 anos sob o comando do mesmo apresentador, José Paulo de Andrade, até julho de 2020, quando ele morreu, vítima da Covid-19. Após sua morte, o programa passou a ter duas pessoas à frente, uma delas, Sylvania Alves, que, apesar de pouco mencionada, já fazia algumas participações e é identificada por Tania Morales e Léslie Ferreira (2022) como coapresentadora da atração.

A busca por naturalizar a fala permitiu uma aproximação do ouvinte, intensificada pela prestação de serviço que, conforme Luiz Ferraretto (2001, p. 155), era parte de “programas popularescos centrados na figura de um

comunicador que simula um companheiro para o ouvinte". Já na década de 1990, surgem as emissoras *all news*, com uma programação exclusivamente noticiosa, a partir da necessidade de transmissões frequentes de informações, como já antevia Gisela Ortriwano (1985). "O jornalismo, a cada dia, está se tornando o setor mais importante do rádio, e acredito que nos próximos anos, aqui no Brasil, teremos emissoras como nos Estados Unidos, que durante 24 horas transmitem apenas notícias..." (Ortriwano, 1985, p. 87).

O rádio *all news* inseriu no panorama radiofônico a função de âncora, que além de ter uma voz adequada, deve ser desenvolvido na comunicação ao vivo, com capacidade de improviso para conduzir entrevistas, debates, colocando as informações em um contexto que facilite a compreensão do ouvinte. O conhecimento demandado para a função extrapola o papel de um locutor e exige a personalidade de um apresentador. Estas características também são esperadas da credibilidade do rádio, que já não se restringe mais à reprodução de notícias.

A *Central Brasileira de Notícias* (CBN) foi a primeira a se destacar no segmento *all news*, com uma programação em rede nacional, em 1992 (MEDITSCH, 2001, p. 60). Em 1996, a CBN passou a operar também em FM, tendo como principal âncora, por 20 anos, Heródoto Barbeiro. Em fevereiro de 2011, com a saída de Heródoto, assume o posto outro homem, o jornalista Milton Jung, antes âncora do programa CBN São Paulo. Em 2023, dos dez programas da grade nacional diária da CBN, de segunda-feira a sexta-feira, apenas um é ancorado por uma mulher, o CBN *Noite Total*, com Tania Morales. Em outros quatro, elas são coapresentadoras.

Marcador de gênero

"Foi-se o tempo dos vozeirões no rádio", anuncia Luiz Ferraretto (2014, p. 79), o que reforça que esse tempo existiu, remetendo ao predomínio masculino no meio, mesmo que nada garanta que se trata de algo que efetivamente tenha ficado totalmente no passado. Presentes no desenvolvimento da radiofonia no

Brasil desde a sua concepção, a despeito de padrões estabelecidos para excluí-las, as mulheres foram invisibilizadas pela ausência em registros históricos (BETTI; ZUCULOTO, 2001), assim como foram relegadas ao que é periférico na história em geral que foi, por muito tempo, considerada "objetiva, neutra e universal" (SCOTT, 1992, p. 90).

Ainda hoje, vivenciam o reflexo do que Maria Inês Amarante (2020, p. 93) descreve como barreiras criadas por um passado histórico para "a conquista de um espaço mais aberto de expressão e independência das mulheres em seu processo de evolução e conquista de direitos". Apesar de a autora considerar que o rádio deu às mulheres mais visibilidade e espaço comunicativo para participação profissional (AMARANTE, 2020), identifica-se também que, já no final dos anos 1990, as emissoras de rádio ainda "constituíam o setor mais conservador" da imprensa no quesito inserção de mulheres jornalistas (ROCHA; SOUSA, 2011, p. 16). Em 1999, informações do Ministério do Trabalho, segundo Paula Melani Rocha e Jorge Pedro Sousa (2011), indicavam que o percentual feminino entre profissionais de jornalistas atuando em emissoras de rádio era de 28,78%. Posteriormente, Andressa Kikuti e Paula Melani Rocha (2018) identificaram que a redução de mulheres trabalhando no rádio entre 2012 e 2017 foi de 36%, enquanto a de homens foi de 22,9%.

A hegemonia masculina no meio é ainda mais enfática nas funções desempenhadas em frente aos microfones. "Quando a mulher passou a fazer parte das equipes de rádio suas funções eram restritas à 'cozinha' da rádio, como são chamados os espaços e funções do jornalismo que, no caso do radiofônico, são as que não vão ao microfone" (ZUCULOTO; MATTOS, 2017). Em geral, as mulheres atuavam como secretárias, produtoras, radioescuta ou na parte administrativa das emissoras. A resistência para que assumissem os microfones era justificada, de acordo com Valci Zuculoto e Ediane Mattos (2017, p. 8), a partir de argumentos relativos à "credibilidade, já que o trabalho da mulher era visto como subsidiário ao do homem, e o medo da perda da feminilidade, por estarem desempenhando funções que até então eram

masculinas". Os padrões estabelecidos para a voz no rádio demarcavam esse afastamento delas dos microfones, o que ainda hoje tem eco.

Por mais que as mulheres sejam maioria no jornalismo brasileiro²⁸ (LIMA et al, 2022), "a mera paridade entre mulheres e homens nas redações não conduz mecanicamente à igualdade de condições ou à isonomia das condutas organizacionais" (LELO, 2019, p. 2). Para o autor, "não se deve subestimar a força coerciva dos valores e ideologias profissionais que formatam jornalistas de ambos os gêneros em igual medida" (LELO, 2019, p. 2). Aqui, inscrevem-se os valores atrelados à qualidade da voz no radiojornalismo, que permanecem creditando à voz grave, e principalmente masculina, a exclusividade na capacidade de garantir sentidos de credibilidade e isenção à informação anunciada oralmente pelo rádio.

Segundo Tania Morales e Léslie Ferreira (2022), a presença de mulheres em programas jornalísticos do horário nobre do rádio brasileiro só se consolida em 2020 – "quando todos os programas dessa faixa passaram a contar com apresentadoras dividindo espaço com os homens nas emissoras de alcance nacional analisadas, a saber, Bandeirantes, BandNews, CBN e Jovem Pan" (MORALES; FERREIRA, 2022, p. 118). Ainda assim, as autoras destacam que é perceptível, nos programas, que, mesmo com participação feminina, há "predomínio do comando masculino, uma vez que o conteúdo da fala dos homens parece ter maior peso editorial" (MORALES; FERREIRA, 2022, p. 120). Elas também demarcam a voz como uma referência nas escolhas de atuação no radiojornalismo, destacando a valorização de vozes graves, que imprimiriam credibilidade à informação, mas compreendendo que a voz deve ser percebida

²⁸ A pesquisa sobre o perfil do jornalista brasileiro referente a 2021 identificou que, de um estudo anterior, de 2012, para o de 2021, houve o incremento da participação de homens no mercado de trabalho do jornalismo, em contexto de desemprego e crise econômica, o que foi considerado como uma mudança importante. De acordo com a pesquisa, jornalistas no Brasil são majoritariamente mulheres (58%), brancas (68%), solteiras (53%), com até 40 anos. Para os autores, houve pouca alteração no perfil em relação ao levantamento anterior. "Contudo, se a profissão continua majoritariamente feminina, a participação de mulheres se reduziu em seis pontos em comparação ao estudo anterior (64%): a presença masculina cresceu de 36% para 42%, revertendo em parte o movimento de feminização da profissão constatado em pesquisas anteriores" (Lima *et al*, 2022, p. 207).

“como resultado de um conjunto de nuances, que incluem traços individuais e influências externas de ordem social e cultural” (MORALES; FERREIRA, 2022, p. 114). É desse espaço de estereotipia que partem justificativas para a opção por homens para os microfones do radiojornalismo, que demarcam a voz como fator de exclusão - atualmente, menos, mas ainda de forma persistente.

Considerações

Mariana Bessa (2004, p. 15) considera que “a voz é um instrumento com grande influência no produto final” do rádio e que seu uso tem se modificado ao longo dos anos. Entre essas mudanças está o aumento da presença de mulheres nos microfones e no comando de programas jornalísticos, como atestam Tania Morales e Lésleie Ferreira (2022). Alterações que, como destacam as autoras, desafiam as jornalistas a superarem estereótipos vocais associados ao gênero (MORALES; FERREIRA, 2022). Para tanto, é imprescindível perceber a voz a partir de uma perspectiva não naturalista, mas sim que compreenda a abrangência da influência e interferência de padrões e comportamentos sociais, como mecanismos de reprodução da distribuição dos capitais sociais, conforme analisam Clóvis de Barros Filho, Felipe Lopes e Fernanda Belizário (2004).

Assim, além das estruturas objetivas do campo e lutas que têm por objeto estas estruturas, processos de socialização/subjetivação - próprios a cada campo - fazem surgir nos agentes, pela observação de ações e valorações que se repetem, disposições a agir desta ou daquela forma - habitus -, sem que a discussão das causas últimas das regras de funcionamento do campo seja cogitável. São maneiras de ser - e de falar - aparentemente permanentes, mas certamente duráveis, adquiridas e incorporadas ao longo de toda a trajetória social e que podem se ajustar, com maior ou menor precisão, às exigências de um universo específico. A aquisição alhures de habitus incompatíveis com esse universo condena o agente a estar sempre defasado, mal colocado, deslocado, mal na sua pele. Ante a incapacidade de identificar a causa social do desajuste, costuma-se associá-lo a incompatibilidades de essência: “Definitivamente, isto não é para mim”. (BARROS FILHO; LOPES; BELIZÁRIO, 2004, p. 103)

Os autores reforçam que, em cada universo social, há, para além de uma maneira autorizada de usar a voz, um saber prático incorporado à locução (BARROS FILHO; LOPES; BELIZÁRIO, 2004). A percepção de estar incompatível com as exigências do campo para ter legitimidade enquanto enunciador oferece

às mulheres, muitas vezes, o entendimento de incapacidade para as funções do radiojornalismo relativas ao uso dos microfones. Assim, naturaliza-se a ausência das vozes femininas, compreendendo-a, normalmente, como natural. Tania Morales e Léslie Ferreira (2022) detectaram, por exemplo, que não houve estranhamento algum, inclusive do público, à ausência de mulheres no comando de programas jornalísticos no horário nobre do rádio brasileiro entre 2007 e 2014 – entre a saída de Maria Lydia Flandoli, do *Jornal da Gente da Rádio Bandeirantes* e a chegada de Rachel Sheherazade à *Rádio Jovem Pan*, para o *Jornal da Manhã*.

Da mesma forma, os grandes produtos jornalísticos da história do rádio se construíram com total ausência de vozes femininas ou com participações figurativas e, ainda hoje, pouco se questiona a respeito. A inserção de mulheres na apresentação de alguns deles, como o próprio *A Voz do Brasil*²⁹, citado de forma ilustrativa no início deste artigo, só começa a ser vista com mais naturalidade atualmente, mas não sem uma resistência persistente. Não há indicativos de que, em alguma edição, uma mulher tenha apresentado o *Repórter Esso*, por exemplo. O tom grave da locução do programa é inclusive relacionado à confiabilidade do que era dito, conforme Luciano Klöckner (2008, p. 18): “os locutores eram ídolos invisíveis e incorporavam o repórter ao difundir as informações com voz grave e solene. Com esse procedimento, a audiência ficava convencida da verdade absoluta dos fatos”.

A partir da pesquisa bibliográfica aqui apresentada é possível identificar a voz como um marcador de exclusão de gênero na história da radiofonia brasileira. Exclusão que está presente em alguns pontos da literatura de referência, mas que fortalece mais no implícito do que no que está efetivamente escrito. Ela existe enfaticamente em elaborações que são mais estruturais de uma sociedade que tem em si a resistência a mulheres que dizem e pode ser

²⁹ Criado como espaço exclusivo de comunicação estatal do Poder Executivo Federal, o programa *A Voz do Brasil* adotou, principalmente a partir de 2003, linhas editoriais de cunho jornalístico, apropriando-se da linguagem do radiojornalismo, mesmo que sob a perspectiva governista, e mantendo-se, ainda hoje, como fonte e importante de informação para muitos brasileiros (Silva, 2018).

percebida no histórico e na constituição do jornalismo, para o qual se reforça sempre a preferência pelo tom grave. É verdade que o tom é prescrito tanto para locutores quanto para locutoras. Entretanto, se na variação aceita para as mulheres o tom grave remete pejorativamente a uma voz de pessoa má, feia (BESSA, 2004), e o agudo é considerado histérico, atingir o médio-grave ideal constitui um desafio que, implicitamente, diz a elas que a voz só estaria certa se, na verdade, fosse a de um homem.

A hegemonia masculina histórica nos microfones comprovadamente indica a exclusão. A forma como os padrões de voz para ocupar postos profissionais nas emissoras de rádio foi estabelecendo-se e sendo reforçada como referência aponta para uma marca que parte da categoria gênero, um termo que, de acordo com Scott (1995, p. 85), "faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens". Teorias estas que, muitas vezes, reforçam como naturais estereótipos elaborados no contexto social, como os relativos à voz.

Considerando a história oficial da radiofonia brasileira, e os muitos registros sobre os grandes nomes de homens que fazem parte dela, pode até parecer óbvio que a voz tenha esse lugar de marcador de exclusão de gênero. Contudo, como considera Djamila Ribeiro (2019, p. 41), "se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível". Compreendendo, inclusive, que a exclusão de mulheres no radiojornalismo é, ainda hoje, propiciada pelo uso de um padrão de voz ideal como argumento, torna-se imprescindível atentar-se também para quem são aquelas que, apesar do sistema simbólico de impedimento, conquistam espaços para terem suas vozes ouvidas no rádio informativo. Se por um lado, no seu conjunto, elas começam a ser aceitas nesses lugares, por outro, permanece um recorte interseccional, que inviabiliza ainda mais o acesso a mulheres negras e àquelas que fujam de um padrão cisheteronormativo. Se aqui utilizamos a

referência universal do gênero feminino é pela limitação do foco inicial de pesquisa, não pelo desconhecimento de que a ausência de determinadas vozes de mulheres é ainda mais gritante.

Bibliografia

AMARANTE, Maria Inês. Mulheres da voz e da palavra: gênero e protagonismo feminino no rádio. In: TONATTO, R. C.; OLIVEIRA, R. P. (org.). **Por Elas e por nossas lutas: igualdade e justiça nos debates de gênero e diversidade nas sociedades contemporâneas**. Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2020.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Radiojornalismo: produção, ética e internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe; BELIZÁRIO, Fernanda. A construção social da voz. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 97-108, 2004.

BASTOS, Alessandra; DRAVET, Florence Marie. A Voz do Brasil faz 85 anos: a história do programa de rádio mais antigo do país a partir da noção de Comunicação Pública. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, ano 7, v. 7, n. 1 p. 196-219, 2020.

BESSA, Mariana Forbes. **O aspecto vocal no rádio jornalismo**. Monografia (Licenciatura em Comunicação Social) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Nova de Lisboa, p. 231, 2004.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, p. 291, 2021.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A história (das mulheres) do rádio no Brasil – uma proposta de revisão do relato histórico. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 13º, 2021, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: Alcar, p. 1-12, 2021.

DUARTE, Constância Lima. Apresentação. Na contramão do memoricídio. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Memorial do memoricídio: escritoras esquecidas pela história**. Volume 1. Livro eletrônico. Belo Horizonte: Editora Luas, 2023

EBC. **A Voz do Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/servicos-e-negocios/a-voz-do-brasil>. Acesso em: 5 mar. 2023.

EBC. **Com apresentação exclusivamente feminina, A Voz do Brasil faz história**, 2022. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/sala-de-imprensa/noticias/2022/08/com-apresentacao-exclusivamente-feminina-a-voz-do-brasil-faz>. Acesso em: 5 mar. 2023.

ENDLER, Sergio. Rosental e seus apontamentos para o narrador radiofônico. In: MEDITSCH, E. (org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Volume 1. Florianópolis: Insular, 2005. p. 169-173.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A voz como marcador de exclusão de gênero no radiojornalismo brasileiro. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-voz-como-marcador-de-exclusao-de-genero-no-radiojornalismo-brasileiro?lang=pt-br>. Acesso em: 09 out. 2023.

JOSÉ, Carmen Lucia. Paisagem sonora: o som nas ondas do rádio. **Revista Ghrebh-**, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 176-195, 2007.

JOSÉ, Carmen Lucia; SERGL, Marcos Júlio. **Voz e roteiros radiofônicos**. São Paulo: Paulus, 2015.

KIKUTI, Andressa; ROCHA, Paula Melani. Mercado de trabalho e trajetória profissional de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16, 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJOR, 2018, p. 1-14.

KLÖCKNER, Luciano. O Repórter Esso e Getúlio Vargas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27º, 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Intercom, p. 1-22, 2004.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: AGE EDIPUC, 2008.

LELO, Thales Vilela. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2019.

LIMA, Samuel Pantoja; MICK, Jacques; NICOLETTI, Janara; BARROS, Janaina Visibeli; HENRIQUES, Rafael Paes; MOLIANI, João Augusto; PATRÍCIO, Edgard; PEREIRA, Fábio Henrique; ZACARIOTTI, Marluce. **Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho**. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MORALES, Tania; FERREIRA, Lésle. Mulheres no radiojornalismo: mapeamento da presença de vozes femininas em programas jornalísticos de rádio. **Revista Alterjor**, São Paulo, ano 13, v. 2, edição 26, p. 111-122, 2022.

ORTRIWANO, Gisela. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PENTEADO, Regina Zanella. A voz nas locuções publicitárias: possibilidades de interpretação e representação. **Revista Impulso**, São Paulo, v. 10, n. 22/23, p. 55-70, 1999.

PEROSA, Lilian Maria Farias de Lima. **A hora do clique: análise do programa de rádio Voz do Brasil da Velha à Nova República**. São Paulo: Annablume, 1995.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen, 2019.

RODERO, Emma. El tono de la voz masculina y femenina en los informativos radiofónicos: un análisis comparativo. In: **Congreso Internacional Mujeres, Hombres y Medios de Comunicación**, Junta de Castilla y León, Valladolid, 2001. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/rodero-emma-tono-voz-femenina.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2023.

ROCHA, Paula Melani; SOUSA, Jorge Pedro. O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil. **Impulso**, v. 21, n. 51, p. 7-18, 2011.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo audiovisual**: teoria e prática do jornalismo no rádio, TV e cinema. Petrópolis: Vozes, 1971.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Luciana Paula Bonetti. **O jornalismo no programa de rádio A Voz do Brasil em períodos de crise política**: análise de coberturas entre 1985 e 2017. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, p. 157, 2018.

SOUZA, José Inácio de Melo. **O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)**. São Paulo: Annablume, 2003.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017.

VEIGA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 249, 2010.

VELHO, Ana Paula Machado. A voz como vínculo na comunicação radiofônica. *Revista Ghrebh-*, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 196-204, 2007.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. No ar: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; MATTOS, Ediane Teles de. As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 11º, 2017, São Paulo. Anais... São Paulo, Alcar, p. 1-14, 2017.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ALVES, Danielly Cardoso; SOUZA, Pedro Guerrazzi; SILVA, Lara Roberta Apolinário; ZUCCHI, Érica Maria. As mulheres na Revista do Rádio entre 1948 e 1950: a presença feminina no auge da Era de Ouro. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46º, 2023, Belo Horizonte. Anas... Belo Horizonte, Intercom, p. 1-14, 2023.